

# **A rádio Difusora e a música nordestina na configuração da cultura popular urbana em Uberlândia - MG / 1939-1970<sup>1</sup>**

*João Lucas França Franco Brandão<sup>2</sup>*

## **Resumo**

O principal intuito desse artigo é apresentar um balanço geral do projeto desenvolvido de meados de 2014 até o início do ano de 2016, cujo tema se pautou em verificar o acervo da Rádio Difusora, no Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS – Universidade Federal de Uberlândia, UFU), para analisar aspectos da música nordestina veiculada nos discos de vinil da coleção. Portanto, o foco aqui será fazer uma retrospectiva da abordagem sobre os documentos e fontes pesquisadas nestes dois anos, sugerindo e incrementando problemáticas sobre o contexto histórico e teorizações sobre o rádio – como produto de uma época –, bem como apresentando análises de canções, debates historiográficos e conclusões acerca da prática empírica no projeto, esta que consistiu em catalogar o acervo manuscrito de música nordestina, a fim de transformá-lo em um acervo digital.

Palavras-chave: Radio Difusora. Rádio. Música Nordestina. Documento Fonográfico. CDHIS

## **Abstract**

The main purpose of this article is to present an overview of the projects, readings and works developed during the middle of 2014 until the beginning of 2016 about the collection of Difusora Radio in the Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS) at Federal University of Uberlândia (UFU) and also to analyse songs concerning to “Música Nordestina”, recorded on the vinyl LPs. The focus was drawing along the task of researching documents and sources for two years, increasing problematics about the historical context, theories on radio - as a product of an era - as well as presenting analysis of songs and some historiographical debates. The practical part of the project consisted of cataloging the manuscript collection of “Música nordestina” in order to transform it into a digital collection.

**Keywords:** Radio's History. Rádio Difusora de Uberlândia. Música nordestina

O artigo em tela é resultante do projeto apoiado pela FAPEMIG, iniciado em março de 2014, no qual fui bolsista, sob a orientação do Prof. Dr. Newton Dângelo,

---

<sup>1</sup>Artigo desenvolvido sob a orientação do Prof. Dr. Newton Dângelo a partir do projeto: “A Rádio Difusora de Uberlândia e suas experiências musicais na configuração da cultura popular urbana em Uberlândia - 1939-1970”. FAPEMIG 2014/2016.

<sup>2</sup>Graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestrando no PPGHI, Linha de Pesquisa História e Cultura. joao.franco94@hotmail.com

intitulado “A rádio Difusora e a música nordestina na configuração da cultura popular urbana em Uberlândia - MG / 1939-1970”. Este tem como propósito dar continuidade à classificação e análise de um acervo fonográfico digitalizado - coleção *Geraldo Motta Baptista* -, abrigado pelo Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU), que inclui aproximadamente 10.600 discos de vinil.

Como parte de um projeto maior, com coordenação de Newton Dângelo (“A Rádio Difusora de Uberlândia e suas Experiências Musicais na Configuração da Cultura Popular Urbana – 1939-1970”), este já foi concluído e cuidou da catalogação digital dos discos do gênero “Sertanejo”. Até o momento de elaboração desse artigo, a inserção no acervo de músicas nordestinas (função destinada a mim), o projeto está em seus detalhes finais, sendo possível, portanto, a elaboração de conclusões sobre este momento de pesquisa histórica, em que foi possível experimentar o contato direto do pesquisador com suas fontes.

A proposta metodológica deste trabalho se organizou em dois momentos: o primeiro, em 2014, dedicado a levantar uma bibliografia, pautando-se na premissa de se conhecer o objeto de estudo em termos teóricos; e o segundo, realizado durante o ano de 2015, que contemplava a parte prática do projeto. Nessa fase, passei a frequentar o CDHIS a fim de verificar as fichas dos discos no catálogo, checar os dados, e transferir para o banco de dados virtual.

Desse modo, em 2014, dediquei minha carga horária principalmente a leituras e fichamentos de livros e artigos de diversos autores. O acesso a esses materiais de pesquisa (que por vezes podem ser complicados de achar em bibliotecas ou até mesmo na internet) foi facilitado pelo acervo bibliográfico do POPULIS (*Núcleo de Pesquisa em Cultura Popular, Imagem e Som*, da Universidade Federal de Uberlândia, cuja coordenação é do mesmo professor). O uso de dissertações sobre temas semelhantes abrigadas no POPULIS e o ambiente físico do mesmo foram fatores que contribuíram para o êxito do trabalho neste primeiro momento. Algumas discussões bibliográficas relevantes para o trabalho de pesquisa, a partir dos autores lidos, serão feitas ao decorrer do texto.

Já a segunda etapa, realizada no ano de 2015, talvez tenha sido um pouco mais problemática, pela logística de horários meus com os de funcionamento do CDHIS e por causa de uma greve de técnicos administrativos da Universidade, que atrasou um pouco o cronograma do projeto. Contudo, apesar de tais adversidades, a parte prática lá realizada se deu de forma efetiva, mesmo que tenha sido mais trabalhosa, pois muitas fichas, de muitos cadernos catalogais deveriam ser verificadas com atenção e cautela redobrados, para que o erro não interferisse no resultado final do projeto, nem para que ocorresse a danificação de tais cadernos.

O trabalho de digitalização dos discos também não foi tarefa muito fácil, embora tenha dado muito prazer, uma vez que este foi um dos meus primeiros momentos na graduação em História que tive o contato direto e pessoal com uma fonte de pesquisa – talvez o ato de palpar e ter em suas mãos o seu objeto esteja cada vez mais raro em tempos em que estes estão se tornando virtuais. Contraditoriamente a essa fala, reforço que foi exatamente isso (a digitalização de fontes) o propósito final do meu trabalho ao longo destes dois anos.

Embora soe um tanto quanto piegas lamentar pelo historiador *do futuro* não ter tal contato direto com as fontes referentes ao objeto estudado, tomando-o somente pela tela de um aparelho digital, não nego a importância deste trabalho para facilitar (e até mesmo universalizar, realmente) o acesso a pesquisa. Ora, se surgirem dúvidas sobre a justificativa e relevância deste projeto, basta lembrar que um banco de dados virtual, que pode ser acessado de qualquer lugar, está sendo aprimorado para que tenhamos acesso a qualquer tipo de informação sobre determinado disco, este presente na coleção de uma das mais marcantes rádios da história da cidade de Uberlândia. E isso é um grande incentivo ao estudo.

Por fim, ressalto que assim como nas pesquisas teóricas, a parte prática realizada no CDHIS não apresentou qualquer problema acerca de déficit de materiais ou recursos. Lá trabalhei, tendo à disposição utensílios comuns a esse tipo de trabalho, como luvas e máscaras descartáveis, bem como tive acesso a um *notebook* e a um toca-discos eletrônico, materiais e equipamentos que foram disponibilizados para que a pesquisa obtivesse êxito.

Tendo, portanto, apresentado um esboço inicial da proposta de trabalho feita a mim em 2014, passando por alguns percursos da pesquisa, passamos a tratar dos resultados do projeto. O artigo será desenvolvido cronologicamente, de acordo com as etapas realizadas durante a pesquisa. Primeiramente, pretendemos desenvolver uma discussão teórica, tratando do contexto da rádio no Brasil, expondo pontos de seus momentos iniciais no país, bem como os dilemas apresentados nesse contato entre tal meio de comunicação e a população.

Posteriormente, especificaremos nosso objeto – o rádio – e a cidade de Uberlândia, tentando compreender de que forma este configurava um novo cotidiano em uma cidade do interior. Tentaremos verificar as disputas, entender os nomes que cercavam esse meio e discutiremos, também, sobre a importância do rádio em um prisma mais geral. Feito isso, é importante conhecermos melhor o acervo que estamos pesquisando, assim, esboçar um pouco da história da Rádio Difusora se torna importante.

Por fim, conciliaremos todas essas informações sobre o rádio com a cultura nordestina que se estabelecia no Sudeste brasileiro, com foco, principalmente, em Uberlândia, no período tratado pelo projeto (1939-1970). Apontaremos aqui algumas características e estilos musicais da região, compreendendo, em especial, os estudos de José Ramos Tinhorão. É neste momento, também, que entramos com dados quantitativos, verificando dados migratórios, e também, finalmente, apresentando os dados obtidos com a catalogação dos discos de música nordestina, para que novas observações sejam feitas e outras análises, de outras fontes sejam aqui engajadas.

### **A gênese da rádio no Brasil**

Pude apreender com a leitura da bibliografia proposta para este trabalho que o período de estudo (1939/1970) compreende fases importantes da rádio no Brasil – de gênese e hegemonia. Desta forma, creio que um breve esboço desse contexto, retratando, inclusive, períodos anteriores a esse é de fundamental importância para termos ideia dos anseios e também das problemáticas envolvidas na difusão das ondas radiofônicas em "terras tupiniquins".

Os primeiros momentos dessa nova forma de comunicação aqui foram apresentados no Rio de Janeiro, na Exposição Internacional de 1922, através de instalações norte-americanas. A princípio, segundo Luiz Artur Ferraretto (2014, p.15), devido a problemas nos falantes, a primeira transmissão não fora bem-sucedida, não conquistando o público “à primeira vista”, embora tenha sido um fato importante para atizar a curiosidade da elite brasileira, que enxergou naquela transmissão um horizonte próspero que traria ao Brasil elementos inteiramente modernizantes.

E é esse “pensamento modernizador” que muito lemos na maioria dos artigos que tratam do assunto, não podendo com certeza deixar de comentar. Ainda segundo Ferraretto, a vinda do rádio para o Brasil coincide com diversos acontecimentos de ordem cultural, política, econômica e social que atingem o país. O que o autor chama de "associativismo idealista da elite", que sempre busca refletir e tomar como referência o que vinha acontecendo em outros países (destaca-se a Europa perdendo influências e os Estados Unidos ganhando importância nesse cenário), busca na criação de clubes e sociedades, um comprometimento destes com os ideais de modernização, progresso e civilização – o rádio é uma das melhores formas de se atingir isso.

A princípio, além de mostrar que o país estava investindo no progresso, seguindo passos americanos e europeus, o rádio no Brasil viria para enaltecer um caráter educativo e cultural por meio dessas primeiras transmissões - transmissões essas que eram muito difundidas e exploradas pelos rádios clubes. Entrando um pouco nesse assunto, desses grupos de pessoas que se reuniam nos primeiros anos do rádio para difundir comunicação, devo ressaltar uma divergência historiográfica que encontrei na leitura dos autores. A pergunta da problemática, que seria: *qual teria sido o primeiro rádio clube do país?* se torna até mesmo irrelevante para tal pesquisa histórica, contudo, foi interessante verificar a dicotomia dos argumentos, fazendo-nos pensar, por exemplo, se existiu algum interesse (não no sentido “maniqueísta”) nos dados conclusivos destes pesquisadores. É dito isso e é apresentado o caso da autora Lia Calabre de Azevedo, que em sua tese de doutorado aponta que

o sucesso e a repercussão das primeiras transmissões radiofônicas na imprensa resultaram, logo no ano seguinte [1923], no

estabelecimento da primeira emissora de rádio brasileira. Os pioneiros do rádio brasileiro foram Roquete Pinto e Henrique Morize. Ao fundarem a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, eles pretendiam criar uma emissora de rádio com finalidades estritamente culturais e educativas, nos moldes das que estavam surgindo em alguns países europeus. Em 1923, quando a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro iniciou suas atividades, a radiodifusão era ainda um investimento muito caro (...) (CALABRE, 2002, p.48).

O contraponto desse episódio se encontra no artigo de Ferraretto, que se baseia no estudo de Renato Phaelante da Câmara (1995). De acordo com esses autores, a partir de instrumentos vinculados a telegrafia (importado dos EUA), ainda em 1918, surgiu o interesse por parte de telegrafistas amadores a criação de um Instituto de Telegrafia sem Fio. É com essas premissas que após embates, surge no Brasil - O Rádio Clube de Pernambuco, fundado no dia 6 de abril de 1919, por um grupo de "amadores da radiotelegrafia", liderados por Augusto Joaquim Pereira. Segundo Ferraretto, Câmara afirma que o conteúdo das transmissões da Rádio de Pernambuco, ainda no início dos anos 1920, eram advindos de empréstimos de discos pelos associados, que buscavam atrair novos adeptos, que cresciam devido à disseminação de receptores. O texto aponta que nesse período o rádio prezou por transmitir "óperas, suítes e obras clássicas em geral".

Publicada no Diário de Pernambuco, notícia a respeito das irradiações durante a Exposição Internacional do Rio de Janeiro chamara a atenção dos integrantes do Rádio Clube, "então um pouco inativo" no dizer de Maranhão Filho (1991, p. 8). Conforme o mesmo autor, Oscar Moreira Pinto chega a contatar o grupo que, em seguida, iria organizar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. De Edgard Roquette-Pinto, vem a sugestão de "adaptar um transmissor de telegrafia para fonia e que adquirisse alguns materiais de som que vieram para a exposição e podiam ser comprados ainda no Rio" (MARANHÃO FILHO, 1991, p. 9). Com equipamento francês dos Etablissements Radio Lucien Lévy adaptado para a transmissão sonora, é montada, deste modo, a estação SQIA do Rádio Clube de Pernambuco (FERRARETTO, 2014, p.17).

Contudo, mesmo com tal dicotomia e com essa incerteza gerada, algo se torna certo se tratando do abrandamento do rádio no Brasil: o poder de alcance da voz que saía por aqueles aparelhos era enorme. Queria-se educar e proporcionar certa cultura aos brasileiros – tal vinculada aos ideais elitistas, visto que nem mesmo o samba nos primeiros anos era executado, com salvas exceções. Com o passar dos anos, o rádio também ganhou um caráter político, sendo fundamental já nas eleições de 1930. O aperfeiçoamento das transmissões e daqueles aparelhos, bem como a tentativa das emissoras de rádio de popularizar um conteúdo vinculado que ainda era muito elitista, garantia a consolidação do hábito de se ouvir o rádio (AZEVEDO, 2002, p.59).

Em termos de educação cívica e moral percebemos, principalmente a partir da década de 1930, o uso do rádio para tal fim. Segundo Newton Dângelo, personalidades atreladas ao governo Vargas estavam determinadas a moldar o rádio como instrumento nacional, atrelado a pensamentos e filosofias da Escola Nova. Tais princípios reguladores, tal ambição, pautavam-se na censura de determinados conteúdos a serem transmitidos, bem como “o desejo de convencimento dos ouvintes (escolares ou não), via recursos sonoros, para uma audição e absorção voluntária de valores morais e imagens mentais de autodisciplina e de amor à pátria e ao trabalho” eram por si só características presentes ao rádio neste momento: a de disciplinar(DÂNGELO, 1998).

Desta forma, não diferente das capitais – agora, especificando um pouco o tema – Uberlândia, cidade que se funda no ideal progressista, também quer partilhar dos benefícios modernizantes que o rádio proporciona. Seguindo o mesmo discurso elitista, moldado segundo parâmetros civilizatórios e homogeneizantes, traçando a moralização dos costumes, como já fora apresentado neste texto, a cidade se imbuíu de contradições a partir do momento em que esse discurso se confundia com a pluralidade encontrada nessa Uberlândia de 1939. O rádio que vinha para proferir esses discursos, para difundir uma boa imagem da cidade para moradores e visitantes, acabou por conferir um caráter emblemático de caráter popular, pautando-se na dicotomia entre campo e cidade, bem como elite e povo

Aqui, as metáforas entremeiam o mundo do trabalho rural, o domínio do homem sobre a natureza através das locomotivas e

aeroplanos e a maravilha das ondas radiofônicas, capazes de alfabetizar com a palavra, sensibilizar corações, enaltecer a pátria e a cidade, elevando os espíritos de seus habitantes. Ao mesmo tempo, percebemos a propriedade do rádio de cantas músicas diferenciadas, de públicos distintos, exibindo gêneros populares, as habaneiras, e os ritmos mais comportados, como a modinha e a cavatina. Nas entrelinhas, embora o rádio reserve um espaço para a musicalidade popular, a atmosfera de identidade sociocultural ganha relevância com a integração, tanto do ritmo “amaxiado” quanto de seus adeptos, a fim de atrair os segmentos populares à ideia de educação dos ouvidos através da “boa música”, seduzindo-os também para a novidade radiofônica (DÂNGELO, 2000, p. 75).

### **O popular e a cultura nordestina no rádio uberlandense**

Dando continuidade nas leituras de Newton Dângelo, a respeito dos primeiros momentos da chegada do rádio a cidade de Uberlândia, podemos concluir que para além dessa pluralidade e disputa vigente entre campo *versus* cidade, ou até mesmo popular *versus* erudito, encontrávamos na “cidade do progresso” muitas incertezas. Incertezas a respeito do que transmitir, ou como os ouvintes iriam reagir ou da própria intenção do rádio em Uberlândia. E isso tudo surgia justamente por toda essa dicotomia aqui já discutida: como essa nova linguagem iria interagir com diversas práticas de sociabilidade, de lazeres, de saberes e diferentes hábitos, tanto rurais como urbanos.

Deste modo, diante desse grande repertório de possibilidades, desse “*imenso auditório invisível*” – bem como citado pelo autor ao se referir a uma publicação do jornal A Tribuna de 1939 – o locutor se encontrava um pouco perdido nesses primeiros anos de difusão do rádio, ora por não saber o que experimentar ou, em outros momentos, perdido em meio ao descontrole em tentar decifrar os desejos dos ouvintes: afinal, o rádio não deixa de ser também um produto comercial, e esse é um aspecto que devemos nos recordar (DÂNGELO, 2012, p.112).

Contudo, parece que tais anseios e dúvidas estiveram restritos, em especial, a esses primeiros momentos, o do contato inicial, visto que, buscando em outras capitais os modos ideais de *fazer rádio*, a população uberlandense se viu logo imersa

a essa diferente linguagem. Isso, justamente pelo caráter homogeneizador e não *segregador* deste meio de comunicação, afinal, o rádio, diferentemente dos jornais que se viam mais restritos à cultura letrada – mas, aqui, não generalizando –, conseguia chegar a todos, seja por ondas difundidas em praças, ou bares, salões de cabelereiros, lojas e afins. Portanto, principalmente quando observamos essas transmissões “públicas” cada vez mais frequentes, ou seja, transmissões que visavam um público maior e não somente aqueles que adquiriram os receptores para uso doméstico, vemos a dominação da cultura oral sobre a letrada. E essa sobreposição oral é também causadora de problemáticas, tal qual a massificação de pensamento e comportamento dessa audiência, que se tornou quantitativamente alta e de fácil acesso ao conteúdo ali veiculado (DÂNGELO, 2012, p.116).

Tendo observado tais colocações, cabe a nós conhecermos um pouco melhor a Rádio Difusora (ou, PRC-6), rádio a qual desde de 1939 até seu encerramento, figurou o cenário radiofônico em Uberlândia e que produziu as fontes estudadas nesse trabalho. Para isso, iniciamos com um apontamento do Jornal Correio de Uberlândia, em 4 de maio de 1948, o qual discorre que:

Vale dinheiro um anúncio na conhecida e apreciada PRC6, que em toda a região sua onda é altamente apreciada, entrando bem a estação num raio que se poderia medir pela distancia daqui a Anápolis em Goyaz, ou então, a Londrina, no Paraná. Na cidade, à praça da República, em local que se pode chamar de coração de Uberlândia, estão instalados os estúdios, sendo que ali também a aparelhagem é a mais completa e interessante. O auditório, de grande capacidade e que diariamente se enche, ao se exibirem programas de estúdio, a discoteca numerosa de mais de cinco mil discos bem catalogados, o palco para exibições maiores, a secretaria, a sala do diretor superintendente, a portaria, tudo caprichosamente arrumado, mobiliado mesmo a capricho.<sup>3</sup>

Desse trecho podemos imaginar a importância não só da Difusora, mas do rádio em geral para a cidade de Uberlândia, que vinha para configurar novas redes de socialização na cidade. E continuando ainda na análise desse discurso vinculado pelo

---

3JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, nº 2393, 04/05/1948. Trecho conseguido no site: <http://gazetadotriangulo.com.br/tmp/colunas/radiodifusao-em-uberlandia/> (acessado em: 20/02/2016)

Jornal Correio, vamos agora levantar três pontos fundamentais do mesmo, que servirão para compreendermos melhor a dinâmica entre rádio e população.

O primeiro, pauta-se pela expressão: “vale dinheiro”. Sim, o rádio era um importante fomentador comercial e envolvia muitos aspectos financeiros, tanto para proprietários, ouvintes e anunciantes. Isso, pois, dentre os vários momentos da programação radiofônica, o que mais rendia e mais *valia dinheiro* eram as propagandas e anúncios – tal aspecto é ressaltado quando verificamos no acervo Geraldo Motta Baptista a inúmera gama e diversidade de *jingles* que estavam prontos em discos para serem colocados na programação, tais como chocolates Lacta, óleo Delícia, cerveja Caracú ou o refrigerador Champgion Triunfo.

Tais anúncios que poderiam ser considerados como um dos *motores* da rádio, se uniam, bem como aponta Newton Dângelo, as músicas e as notícias afim de estarem presentes nas pautas de diversos assuntos nos locais de sociabilidade, de serem assuntos que estariam na *ponta da língua do ouvinte*. E isso, marcaria mais uma característica fundamental do rádio, a de expansão, de alcançar diferentes lugares ou de estar em muitos lugares ao mesmo tempo, algo que o jornal não proporcionava (“num raio que se poderia medir pela distância daqui a Anápolis em Goyaz, ou então, a Londrina, no Paraná.). Assim, vemos porque comerciantes e empresários se viram tão satisfeitos e empenhados em estarem, também, presentes nessa expansão(DÂNGELO, 2012, p.112).

Visando, então, mais participação de anunciantes e também melhor audiência, para que as propagandas tivessem realmente um valor comercial efetivo, muitos investimentos no rádio uberlandense, e principalmente na Difusora, aconteceram, bem como o Jornal Correio destacou. No trecho – agora entrando na segunda parte que destacamos dele - vemos uma aberta propaganda da própria PRC-6 exaltando o advento de melhorias na tecnologia, e incorporação de novos e modernos elementos para os auditórios, que cada vez mais se viam mais cheios de espectadores curiosos para verem e ouvirem as novas atrações. Aqui, buscava-se alcançar popularidade equivalente aos cinemas e os circos, que sempre estavam lotados, por isso, a modernização do prédio, e local, que sediava a rádio era tão importante (DÂNGELO, 2012, p.132).

A esses aspectos, cabe também ressaltar outra nota de jornal que celebra a conquista de novos aparatos técnicos, que representariam, por si só, o advento de modernidade a cidade:

**Já se encontra na cidade a nova aparelhagem da Rádio Difusa Brasileira de Uberlândia**

A direção da emissora local PRC-6, representada pelo seu atual presidente dr. Mizaél Rodrigues de Castro e seu superintendente senhor Geraldo Ladeira, ao assumirem, os respectivos postos se propuseram ao árduo trabalho de remodelar suas instalações técnicas, dotando-as de nova aparelhagem por intermédio da qual fosse possível ofertar ao público ouvinte uma emissão sob auspícios técnicos e altura das conquistas culturais uberlandenses... [...] Um melhoramento de importância é o regulador automático de tensão que garante uma entrada rigorosa de voltagem no transmissor eliminando o inconveniente da queda ou aumento da corrente elétrica. [...] A mesa de operação segue as linhas modernas de toda a aparelhagem, dotada de dois pratos com dispositivos para 78 e 33 e meia rotação, podendo a ela serem adaptados a um só tempo 10 microfones... no setor radiofônico, ficará nossa cidade colocada em vantagem, e seus dirigentes merecedores de aplausos por tão singular conquista.<sup>4</sup>

E vale lembrar que isso tudo, mais uma vez, tem o caráter de amplificar essas ondas sonoras para mais pessoas e mais locais, ou seja, aumentar a audiência. Com isso, “a popularização do rádio, nesse sentido, era acompanhada pelo interesse na criação de padrões de consumo, podendo inclusive promover o encontro entre sonoridades e cantoras populares e tais projetos de ampliação do raio de ação das emissoras”(DÂNGELO, 2012, p.132). Então, havia a possibilidade de muitos aspectos para poder alavancar a audiência, e uma delas, entrando no terceiro e último aspecto do trecho, seria a quantidade de discos/músicas a serem disponibilizados pela emissora, bem como a participação cada vez mais frequente do público nas transmissões.

---

4JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, nº 1932, 08/06/1946.

Sabemos, de acordo com a edição 2393 do Jornal Correio, que em 1948 a PRC-6 continha mais de 5 mil discos, acervo grande para época e que hoje, como já dito no início do texto, se encontra catalogado com aproximadamente 10.600 vinis. O que mais impressiona, além da quantidade, é a variedade de gêneros musicais presentes, que seria mais um fator para levantar a audiência – mas, chegaremos lá. Ao folhear os catálogos do acervo Geraldo Motta Baptista pude perceber a diversidade musical dos discos, os quais mais do que música nordestina, sertaneja ou *jingles*, encontrei muitos discos de samba (o que provavelmente eram a maioria), bem como boleros, marchinhas, maxixes, lundus e também discos internacionais, tais como tangos argentinos ou *rocks* norte-americanos.

O motivo de se poder encontrar tanta variedade musical, mesmo que o rádio pregasse subliminarmente um caráter massificador, não foge da premissa de conquistar cada vez mais maiores públicos, como já apontado. Há, também, a perspectiva de concorrências entre as emissoras, em que os proprietários deveriam apresentar conteúdos diferenciados para se sobressaírem. Contudo, o interessante é que é exatamente com essas questões comerciais, nesse interesse de adquirir discos, de convidar artistas para virem a cidade se apresentar e de se conquistar o público, que iremos dialogar com os nossos dados obtidos no trabalho de catalogação e digitalização das músicas nordestinas encontradas no acervo do CDHIS. Percebemos que não há muito como fugir do argumento mercadológico quando nos perguntamos: porque há músicas nordestinas –os famosos baiões, forrós e xotes, por exemplo – sendo difundidas em Uberlândia nesse período? Qual era o intuito de se adquirir esses discos? O que vem a seguir, portanto, são respostas para tais apontamentos, bem como o diálogo dos resultados com determinadas questões.

### **“Asa Branca” explica**

Fora dito nesse texto que as rádios abriam espaço para o público interagir, mas tal ponto não fora explicado abertamente. Newton Dângelo aponta que a própria rádio Difusora apostou, nos seus primeiros meses, no oferecimento de músicas e transmissões de recados, isso pois a rádio viu a necessidade de ceder espaço a desejos e vontades antes não previstas: a de contato e de sociabilidade. Esses espaços na programação, portanto, ganharam o status de “programa do povo”, o qual o autor

explica que além da necessidade de enviar notícias a parentes e amigos, de fazer a interação entre cidade e campo, afinal muitos ainda não tinham acesso a telefonia, havia o desejo de “aparecer em público”, de experimentar a sensação de ser mencionado, ou até mesmo de ter voz perante o microfone, que alcançaria diversos espaços, tornando público “conversas reservadas, os boatos, os rumores”, mesmo tendo que desembolsar alguns trocados (DÂNGELO, 2012, p.116).

E isso, meramente era, de acordo com Dângelo:

O rádio falando por meio das classes populares, portadores de índices de oralidades, populações urbanas e rurais excluídas de lazeres em espaços privados, tornando pública a sua existência, a de seus amigos, parentes, maridos, mulheres, filhos, filhas, pais e mães (DÂNGELO, 2012, p.117).

Então, mesmo que tenha tido muitos conflitos e dicotomias tenham sido evidenciadas, bem como fora apontado em diversas partes deste artigo, o teor popular e essa característica de agregar uma mistura de gêneros musicais e também de camadas sócias fora algo a ser destacado nessa história do rádio que estamos aqui levantando.

Entretanto, não iremos nos limitar a essa expansão do popular, nem mesmo ficaremos somente na questão *cidade e campo*, pois, o rádio foi mais do que isso no fator sociabilidade, podendo proporcionar, também, uma experiência marcante ao forasteiro, que longe da sua cidade natal, pôde encontrar nas ondas sonoras um meio de matar a saudade de sua terra. E aqui, a cultura nordestina se tornará presente neste texto.

Com isso, apontaremos os dados migratórios. Sabe-se que os anos 1950, com o fim da Segunda Guerra Mundial, e com a aceleração dos processos de industrialização e urbanização no Brasil, o fluxo migratório, principalmente no sentido Nordeste-Sudeste, aumentou consideravelmente.

A perspectiva mais corrente é aquela que tem por marco principal, no contexto explicativo dos movimentos migratórios, o processo de industrialização /urbanização. [...] O raciocínio geralmente inicia com a descrição da tendência concentradora de população que

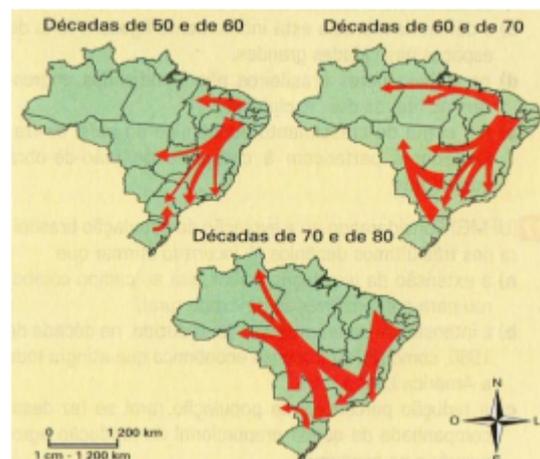
acompanha a industrialização, onde os deslocamentos do campo para a cidade são fundamentais, chegando, então, nas questões que remetem à realocação da mão-de-obra no território (BARCELLOS, 1995, p.300).

Podemos então aferir que a migração estava basicamente relacionada com as relações de trabalho, em que o homem nordestino do campo saía de sua terra natal em busca de melhorias de vida, tais que viam do sonho prometido da cidade grande, a qual seria um lugar de oportunidades a todos. E de acordo com Sauloéber de Souza devemos considerar outros fatores, como crises econômicas, desastres naturais, mutações no mundo do trabalho e a precarização de suas relações, pois, esses também fazem com que um grande número de indivíduos – no quadro de indigência – tomem a decisão de construir a vida em outro lugar, “reforçando-se os deslocamentos compulsórios da população pobre” (SOUZA, s/d).

A imagem que vem a seguir nos mostra um pouco da intensidade dos dados migratórios, em especial, no recorte temporal que esse trabalho se estabeleceu. As décadas de 1940 até 1970 são momentos marcantes do fluxo de pessoas dentro do Brasil, no ajudando a entender algumas terminações propostas neste artigo, as quais partiremos para análise logo a seguir.

**Figura 1<sup>5</sup>**

**Fluxo das Principais Migrações Entre Regiões Brasileiras (1950-1980)**



<sup>5</sup>Fonte: [http://173.203.31.59/UserFiles/P0001/Image/re\\_imagens/Principais%20fluxos%20migrat%20brasileiros%20entre%201950%20e%201980.jpg](http://173.203.31.59/UserFiles/P0001/Image/re_imagens/Principais%20fluxos%20migrat%20brasileiros%20entre%201950%20e%201980.jpg) > acessado em: 15/03/2016.

Essa intensa migração do Nordeste para o Sudeste refletiu também na cultura, aspecto fundamental para nós, fazendo surgir canções como a famosa *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (letra no Anexo 1). A música que teve lançamento em 1947, e se enquadra no gênero Baião, retrata da seca no sertão nordestino, que obriga muitos a se retirarem da região por faltar condições mínimas de sobrevivência. A letra romantizada é o retrato do retirante, que vendo o descaso do Estado para com sua região se vê na necessidade de migrar.

E não podemos de deixar de considerar que muitos desses migrantes acabavam vindo para Uberlândia. Podemos afirmar isso, pois, se em 1941 a cidade já era referência no sistema rodoviário, posteriormente, na década de 1960, a cidade se tornaria referência na logística interna do país com a construção de Brasília, tornando-se ponto obrigatório de cruzamento de rodovias do Sul, Norte e Nordeste com o centro do Brasil (MOTA, s/d, p.2).

Outro ponto importante para corroborar essa ideia, e que também fora apresentado por Mota, diz respeito a atividade industrial uberlandense. Beneficiada justamente pela localização do município no mapa, a atividade industrial aqui prosperou dentre os mercados consumidores do Mato Grosso e Sul de Goiás, e os mercados produtores de São Paulo e Rio de Janeiro, colocando Uberlândia dentro do *ranking* das cinco cidades com o parque industrial mais importante de Minas Gerais (MOTA, s/d, p.2).

Deste modo, mesmo faltando dados precisos acerca de migrantes nordestinos em Uberlândia, com a análise desses dados de prosperidade do município, bem como sabendo da intensa migração nordestina ao Sudeste, e também levando e tendo como relevância o considerável número de discos de diversos gêneros de música nordestina no acervo da Rádio Difusora de Uberlândia, podemos concluir que havia um número admissível de nordestinos na cidade. Portanto, estes também eram a audiência da rádio e fazê-los ouvir as transmissões, evocando deles a memória de sua terra ou a nostalgia de sua cultura, era mais do que uma estratégia mercadológica, e sim, também, uma questão de sociabilidade – pois, esse, era um dos *poderes* do rádio.

Portanto, não é por acaso que o maior número de discos de música nordestina, no acervo, esteja caracterizada como Baião. Esse tipo de música, que teve seu cunho

estético demarcado pela música *Baião* – 1946 - (letra no Anexo 2, e cujo disco se encontra presente no acervo), dos mesmos compositores de *Asa Branca*, é meramente uma metalinguística do retirante que canta e dança esse tipo de música. Tal apontamento é certo porque bem como esse homem que realiza o êxodo do sertão, o Baião é um estilo que também sai do campo para ganhar *vida* nas cidades.

De acordo com Jonas Rodrigues de Moraes “o baião foi fruto de um processo histórico, num ímpeto ele emergiu no movimento de uma re-invenção de tradição sob os efeitos da traduçãoocultural” (MORAES, 2003, p.9), o que significa uma adaptação dessa música a partir de suas bases folclóricas para poder se mesclar com a sonoridade urbana. Não é por acaso que o Baião foi considerado um tipo de música *pop* nordestina, não só pelo seu ritmo que contagia e faz dançar, mas também pelas temáticas das letras, que muito ia ao encontro da realidade do retirante.

O Baião, segundo Moraes, é uma música que reflete as paisagens brasileiras, que se desloca por territórios fronteiriços, que traz a sonoridade de sua cultura natal, mas que dialoga com tantos outros espaços. Por isso, consideramos esse ser um dos motivos que podemos encontrar tantos discos de Baião no acervo da Rádio Difusora de Uberlândia. Sendo essa música que gera identidade a tantos ouvintes, e sendo um gênero que influenciou tantos outros, principalmente a partir da sanfona de Luiz Gonzaga, vemos sua importância (e a própria importância do rádio) em se fazer valer a experiência social e cultural nas cidades.

### **Considerações finais**

Portanto, esse artigo veio para tentar demonstrar, através das pesquisas realizadas desde meados de 2014, como que o trabalho com o projeto “A rádio Difusora e a música nordestina na configuração da cultura popular urbana em Uberlândia - MG / 1939-1970” se desenvolveu. Seguindo um viés cronológico das etapas sugeridas pelo professor Newton Dângelo tentei verificar como é que a Rádio Difusora de Uberlândia estava inserida em um contexto nacional de propagação deste veículo de comunicação de massas, bem como perceber de que modo essa rádio interferia nas questões de sociabilidade no município de Uberlândia.

Saindo de uma questão macro – compreender a rádio como instrumento que se tornou fundamental para a difusão cultural no Brasil – e chegando a uma perspectiva micro, a partir da análise dos discos de música nordestina no acervo da Rádio Difusora, e seus significados, passamos neste artigo por muitas contradições que dizem respeito principalmente a questão *campo e cidade* ou *migração*, mostrando que este era um momento de muitas incertezas a população, que via um país marcado por intensos processos de industrialização, urbanização e modernização. E fora o medo diante de tantas mudanças, percebemos também o deslumbramento diante de tantas oportunidades. O “progresso” talvez seja palavra chave nessa nossa análise.

Por fim, destaco a satisfação de ter feito parte desse trabalho, que com certeza me fez crescer diante das possibilidades do historiador, me apresentando mais sobre as tarefas e os ofícios do pesquisador, principalmente, uma vez que estive em contato direto com as minhas fontes. Foi uma experiência muito válida que me fez também conhecer um pouco mais da cultura nordestina, que é tão rica e deve ser sempre preservada.

## Fontes

- Acervo de discos *Geraldo Motta Baptista* que se encontra no CDHIS;
- JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, nº 2393, 04/05/1948. Trecho conseguido no site: <http://gazedotriangulo.com.br/tmp/colunas/radiodifusao-em-uberlandia/> (acessado em: 20/02/2016)
- JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, nº 1932, 08/06/1946.
- Fluxo das principais migrações entre regiões brasileiras:  
Disponível em: [http://173.203.31.59/UserFiles/P0001/Image/re\\_imagens/Principais%20fluxos%20migrat%C3%B3rios%20brasileiros%20entre%201950%20e%201980.jpg](http://173.203.31.59/UserFiles/P0001/Image/re_imagens/Principais%20fluxos%20migrat%C3%B3rios%20brasileiros%20entre%201950%20e%201980.jpg) > acessado em: 15/03/2016.

GONZAGA, Luiz e TEIXEIRA, Humberto. *Asa Branca*, 1947

\_\_\_\_\_. *Baião*, 1946

## **Bibliografia**

AZEVEDO, Lia Calabre de. No tempo do rádio: Radiodifusão e cotidiano no Brasil: 1923/1960. Tese de doutorado do curso de História da Universidade Federal Fluminense (Orientadora: Ana Maria Essus). Niterói, 2002

Disponível em:

[http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2002\\_AZEVEDO\\_Lia\\_Calabre-S.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2002_AZEVEDO_Lia_Calabre-S.pdf)

BARCELLOS, Tanya M. de. Migrações Internas: os conceitos básicos frente a realidade da última década. In Revista Ensaio FEE, Porto Alegre, no. 16, v.01, p. 296- 309, 1995

CÂMARA, Renato Phaelante, 1945 – Fragmentos da história do Rádio Clube de Pernambuco / Renato Phaelante de Câmara – Recife: CEPE, 1994.

DÂNGELO, Newton. **Ouvindo o Brasil: O Ensino de História pelo Rádio - décadas de 1930/40.** Rev. bras. Hist. vol. 18 n. 36 São Paulo, 1998. Disponível em:<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01881998000200009>

\_\_\_\_\_. Aquele povo feliz, que ainda não sonhava com a invenção do rádio: cultura popular, lazeres e sociabilidade urbana. – Uberlândia – 1900 – 1940 / Newton Dângelo – Uberlândia: EDUFU, 2005.

\_\_\_\_\_. Cidade, nação e cultura popular nas ondas do Rádio – Uberlândia/MG 1939/1969. Tempos Históricos M.C.Rondon v.02 n°01 p. 67-91 Mar/2000

\_\_\_\_\_. Vozes da cidade: Rádio e cultura popular urbana em Uberlândia MG – 1939/1970. Newton Dângelo – Uberlândia: EDUFU, 2012.

FERRARETTO, Luiz Artur. *De 1919 a 1923, os primeiros momentos do rádio no Brasil.* Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM) - v.3, n.1, jan.2014-jun/2014 - ISSN 2238-5126

FERRARETTO, Luiz Artur. KLOCKNER, Luciano. E o rádio?: novos horizontes midiáticos [recurso eletrônico] / org. Luiz Artur Ferraretto, Luciano Klöckner. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre :Edipucrs, 2010,p,646. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/eoradio.pdf>

GUERRINI Jr, Irineu. A elite no ar. Óperas, concertos e sinfonias na Rádio Gazeta de São Paulo. / Irineu Guerrini Júnior – São Paulo: Terceira Margem, 2009.

MORAES, Jonas Rodrigues de. Batuques, lundu, modinha e a emersão do baião no nordeste brasileiro. XXVII Simpósio nacional de história. Natal – RN, 22 a 26 de julho de 2003

MOTA, Hermílon Miranda. Evolução urbana de Uberlândia: Uma cidade do Triângulo Mineiro de porte médio e em contínuo crescimento. X encontro nacional da Anpur. s/l, s/d

PINHEIRO, E. A.; MENDONÇA, B. A.; SILVA, G. J.; GONÇALVES, O. O.; CHAVES, T. S. O Nordeste brasileiro nas músicas de Luiz Gonzaga. Caderno de Geografia, Belo Horizonte, v. 14, n. 23, p. 103-111, 2º sem. 2004

ROCHA, Henrique Pereira; OLIVEIRA, Iranilson Buriti de; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Música e poesia do Ser(tão) nordestino de Patativa do Assaré. Opus, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 54-72, dez. 2007.

SOUZA, Sauloéber Társio de. Migrantes nordestinos e escolarização no Pontal Mineiro (décadas de 1970 – 1990). UFU – Campus Ituiutaba, s/d. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/02> acessado em: 12/03/2016

TINHORÃO, José Ramos. Pequena história da música popular. 7ª edição / Tinhorão – São Paulo: 2013

\_\_\_\_\_. Música Popular: os sons que vêm da rua. Sol: Edição Tinhorão, s.d.

1919: O Recife na era do Rádio. Disponível em: <http://www.luizberto.com/esquina-leonardo-dantas-silva/1919-o-recife-na-era-do-radio>

**ANEXO 1**  
**(www.vagalume.com.br)**

**Asa Branca**

Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira

Quando oiei a terra ardendo  
Gual a fogueira de São João  
Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação  
Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornaia  
Nem um pé de prantação  
Por farta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão  
Por farta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca  
Bateu asas do sertão  
Entonce eu disse, adeu Rosinha  
Guarda contigo meu coração  
Entonce eu disse, adeu Rosinha  
Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas légua  
Numa triste solidão  
Espero a chuva caí de novo  
Pra mim vortar pro meu sertão  
Espero a chuva caí de novo  
Pra mim vortar pro meu sertão

Quando o verde dos teus oio  
Se espaiar na prantação  
Eu te asseguro não chore não, viu  
Que eu vortarei, viu  
Meu coração  
Eu te asseguro não chore não, viu  
Que eu vortarei, viu  
Meu coração

**ANEXO 2**  
**(www.vagalume.com.br)**

**Baião**

Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira

Eu vou mostrar pra vocês  
Como se dança o baião  
E quem quiser aprender  
É favor presta atenção

Morena chega pra cá,  
Bem junto ao meu coração  
Agora é só me seguir  
Pois eu vou dançar o baião

Eu já dancei, balancê,  
Xamego, samba e Xerém  
Mas o baião tem um quê,  
Que as outras danças não têm  
Oi quem quiser só dizer,  
Pois eu com satisfação  
Vou dançar cantando o baião

Eu já cantei no Pará  
Toquei sanfona em Belém  
Cantei lá no Ceará  
E sei o que me convém  
Por isso eu quero afirmar  
Com toda convicção  
Que sou doido pelo baião

**Recebido em 10 de novembro de 2016**

**Aprovado em 20 de dezembro de 2016**